

Entre o local e o internacional: Jota Soares e a cultura cinematográfica no Recife

Por Luciana Corrêa de Araújo*

Resumo: Este artigo analisa a coluna “Telas & Fatos”, escrita por Jota Soares e publicada semanalmente no *Diário de Pernambuco* entre março de 1964 e dezembro de 1965. Embora o tema dominante seja o cinema estrangeiro, a coluna traz também informações sobre o circuito exibidor e o público de cinema no Recife, cidade do Nordeste do Brasil em que houve uma significativa produção cinematográfica nos anos 1920, da qual Soares se tornou o principal memorialista. A partir de “Telas & Fatos”, este trabalho aborda particularidades do circuito recifense, procurando compreender as relações estabelecidas por Soares entre o cinema estrangeiro e a cultura cinematográfica local.

Palavras-chave: história do cinema brasileiro, exibição cinematográfica, Recife.

Entre lo local y lo internacional: Jota Soares y la cultura cinematográfica en Recife

Resumen: Este artículo analiza la columna “Telas & Fatos” [“Pantallas y Hechos”], firmada por Jota Soares, que se publicó semanalmente en el *Diário de Pernambuco* entre marzo de 1964 y diciembre de 1965. Aunque el tema dominante sea el cine extranjero, la columna también presenta informaciones acerca del circuito exhibidor y de la audiencia de cine en Recife, ciudad del noreste brasileño donde ocurrió una significativa producción cinematográfica en los años 1920, de la cual Soares se convirtió en su principal memorialista. Tomando como referencia “Telas & Fatos”, este texto aborda las particularidades del circuito de exhibición en Recife, buscando comprender las relaciones establecidas por Soares entre el cine extranjero y la cultura cinematográfica local.

Palabras clave: historia del cine brasileño, exhibición cinematográfica, Recife.

Between local and international: Jota Soares and film culture in Recife

Abstract: This article analyses Jota Soares’s newspaper column “Telas & Fatos” [“Screens & Facts”] published weekly in *Diário de Pernambuco* between March 1964 and December 1965. Soares, the main memorialist, focuses on foreign cinema mainly, but the column also provides information about the film

exhibition circuit and the audience in Recife, a northeastern Brazilian city where a significant film production occurred in the 1920s. Drawing on “Telas & Fatos”, this article addresses the singularities of the Recife film exhibition circuit, in order to understand the relationships that Soares established between foreign cinema and local film culture.

Key words: Brazilian film history, theatrical exhibition, Recife.

Introdução

Nos anos 1920, aconteceu uma expressiva produção cinematográfica em Recife, capital do estado de Pernambuco, no nordeste do Brasil. Foram produzidos quase cinquenta filmes entre 1924 e 1930, incluindo curtas e longas-metragens, filmes naturais (não ficção) e de enredo (ficção). Este momento é considerado pela historiografia clássica do cinema brasileiro um dos “ciclos regionais” que marcaram o período silencioso. Além de Recife, houve focos de produção em outras cidades como Campinas (no estado de São Paulo); Porto Alegre e Pelotas (Rio Grande do Sul); Curitiba (Paraná); Manaus (Amazonas); Cataguases, Belo Horizonte, Pouso Alegre, Barbacena, Guaranésia e Ouro Fino (Minas Gerais).

O termo “ciclo regional” vem sendo revisto e colocado em questão (ver Póvoas, 2005; Autran, 2010; Araújo, 2018), especialmente por privilegiar a esfera da produção e do filme de enredo, deixando em segundo plano outros aspectos: “Nos últimos anos, a preocupação que vem se fortalecendo é a de ampliar o escopo das pesquisas de maneira a abranger, articulando-os, os diversos aspectos da atividade cinematográfica (produção, distribuição, exibição, recepção, crítica, técnica/tecnologia e assim por diante), incluindo variados formatos e gêneros (filmes naturais, de enredo, amadores, publicitários etc.)” (Araújo, 2018: 92).

Com isso em mente, a proposta deste artigo é investigar a exibição e a recepção cinematográficas em Recife, a partir da análise da coluna “Telas & Fatos”, publicada por Jota Soares em meados dos anos 1960, no *Diário de Pernambuco*. A produção cinematográfica, que costuma dominar boa parte dos estudos, também será abordada aqui, mas de forma pontual, para ressaltar relações entre os filmes realizados e o circuito exibidor local.

Um dos profissionais mais ativos no meio cinematográfico pernambucano na segunda metade dos anos 1920, Jota Soares trabalhou como ator em filmes como *Um ato de humanidade* (Gentil Roiz, 1925), *Aitaré da Praia* (Gentil Roiz, 1925) e *Herói do século XX* (Ary Severo, 1926), dirigiu *Sangue de irmão* (1927) e as sequências de cabaré em *No cenário da vida* (Luis Maranhão, 1930), cujo roteiro é seu em colaboração com Mário Mendonça. Seu trabalho mais conhecido é *A filha do advogado* (1926), longa-metragem no qual interpreta o vilão e que marcou sua estreia na direção, aos vinte anos de idade.

Nas décadas seguintes, ele se tornou o principal memorialista do cinema silencioso pernambucano, por meio de publicações, entrevistas e depoimentos que passaram a servir de fontes para os estudos sobre o período. Entre os trabalhos de maior fôlego escritos por ele estão os cinquenta e nove textos da coluna “Relembrando o cinema pernambucano —1923-1931 (Dos arquivos de Jota Soares)”, publicados aos domingos no jornal *Diário de Pernambuco*, entre 2 de dezembro de 1962 e 23 de fevereiro de 1964, e lançados em livro com organização de Paulo C. Cunha Filho (2006). Logo em seguida, Jota Soares deu início a outra coluna, “Telas & Fatos —Jota Soares e Seus Arquivos”. Com oitenta e três textos, além da apresentação, a coluna também foi publicada semanalmente pelo *Diário de Pernambuco*, de 1 de março de 1964 a 12 de dezembro de 1965. Trata-se, em grande parte, de uma reunião de informações e curiosidades destinadas “a revelar aos maníacos de cinema tudo aquilo que se relacione com a vida dos que lutaram e lutam pela grandeza da Sétima Arte, em todo o mundo”, como escreve Jota na apresentação (Soares, 1964a). Por

esse tipo de abordagem, a princípio mais episódica do que o tom histórico e memorialístico da coluna anterior, “Telas & Fatos” não mereceu até agora grande atenção. No entanto, é um conjunto de textos que ajuda a compreender aspectos da recepção do cinema no Recife das primeiras décadas do século XX, filtrados pelo olhar de Jota Soares, ele mesmo um “maníaco de cinema”, para retomar o termo com o qual se refere ao público-alvo da coluna.

O tema dominante da coluna é o cinema estrangeiro, sobretudo o hollywoodiano. São inúmeros textos, notas e fotos sobre filmes, gêneros e estrelas de cinema, permeados de informações objetivas e comentários pessoais de Jota Soares. Em meio à predominância do cinema estrangeiro, entretanto, “Telas & Fatos” traz também informações preciosas sobre o circuito de exibição no Recife: as salas de cinema e seus proprietários, as reações e preferências do público, a popularidade das estrelas, as práticas de exibição.

Ao analisar o cinema silencioso em Yucatán, no México, Laura Isabel Serna aborda não só a produção como também a “vibrante cultura cinematográfica constituída por empresas distribuidoras locais e numerosas salas de cinema” (Serna, 2017: 2).¹ Uma de suas principais fontes de pesquisa são as edições da *Revista del Cinema* publicadas entre 1916 e 1917 em Mérida, capital do estado de Yucatán. A partir do estudo da revista, entre outros periódicos, Serna procura delinear os contornos da distribuição, exibição e produção regional. Para ela, “um estudo de caso focado em uma cultura cinematográfica regional demonstra o potencial produtivo de mobilizar múltiplos níveis de análise simultaneamente, permitindo-nos ver as conexões entre as redes locais, nacionais e transnacionais percorridas pelo cinema durante o período silencioso” (Serna, 2017: 4).²

¹ No original: “A vibrant film culture comprised of local distribution firms and numerous motion-picture venues”. Tradução minha.

² No original: “A case study focused on a regional film culture demonstrates the productive potential of mobilizing multiple levels of analysis simultaneously, allowing us to see the connections between local, national, and transnational networks along which cinema traveled during the silent period”. Tradução minha.



Recortes da coluna "Telas & Fatos" no volume Histórias da minha história, de Jota Soares
Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco – Ministério da Educação, Brasil.

Este artigo compartilha proposta semelhante, tomando como base o estudo da coluna “Telas & Fatos” a fim de compreender não só as particularidades da exibição e recepção cinematográficas em Recife como também as concepções históricas e historiográficas que movem Jota Soares na sua abordagem do tema.

O exibidor em destaque

Se as estrelas do cinema estrangeiro ocupam boa parte dos textos de “Telas & Fatos”, não deixa de ser significativo o destaque dado pela coluna a um outro tipo de personalidade, a princípio bem menos glamorosa: o exibidor local. Jota Soares abre espaço para notas, histórias e fotografias nas quais o trabalho e a contribuição dos exibidores locais são valorizados. Com isso, a coluna oferece informações pouco ou nada contempladas, seja nos periódicos da época, seja nos textos históricos.

Sobre o exibidor Augusto da Silva Ramos, proprietário do Ideal Cinema —localizado no Pátio do Terço, em um tradicional bairro central da cidade, mas fora do circuito de cinemas lançadores—, Jota descreve sua aparência (terno preto, sempre com um lírio na lapela, colete, chapéu “e mais um eterno charuto”) e conta que ele costumava deixar entrar pelas portas do fundo de vinte a trinta meninos, quando não tinham dinheiro para o ingresso (T&F, XVII, em Soares, 1964a).³ Religioso e também proprietário do Bazar São João, localizado numa rua próxima ao Ideal, Ramos soltava fogos de bengala,

³ “Telas & Fatos” foi pesquisada no volume *Histórias da minha história* (sem data), organizado por Jota Soares e pertencente ao acervo da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife. Este grande volume é uma reunião de recortes, colados nas páginas, sendo que a grande maioria deles está sem indicação de data. Por este motivo, as referências aos textos da coluna feitas ao longo do artigo estão sem a data e a página do jornal. As próximas referências a “Telas & Fatos” serão abreviadas para T&F, seguida pelo número da coluna. Foram mantidas as grafias da numeração original, primeiro em algarismos romanos e, partir do número trinta e oito, em algarismos arábicos. Uma pesquisa adicional foi realizada na versão digitalizada do *Diário de Pernambuco*, no site da Biblioteca Nacional Digital/ Hemeroteca Digital (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>), para levantar as datas de publicação dos primeiros e últimos textos da coluna.

vendidos na sua loja, durante as festas de São João no mês de junho, enchendo o Pátio do Terço “de um desmedido fulgor” (T&F, XVII, em Soares, s.f.). Enquanto Jota Soares ressalta “o amor às coisas sagradas” (T&F, XVII, em Soares, s.f.) que caracterizava o exibidor, podemos mudar um pouco o foco para observar como o comerciante interligava seus dois negócios, o cinema e o bazar. Os fogos disparados nas festas de São João promoviam os produtos da loja, ao mesmo tempo em que transformavam o cinema e seu entorno em espetáculo visual, atraindo frequentadores.

Outro exibidor que merece destaque em “Telas & Fatos” é Álvaro Ferreira Leite, o Seu Leite, proprietário do Cinema Glória, também localizado no bairro de São José, em frente ao mercado público municipal de mesmo nome. Exibindo seriados e filmes de aventura, o Glória atraía numeroso público infantil. Assim como Seu Ramos, do Ideal, Seu Leite deixava que muitos meninos entrassem de graça, mas com a recomendação: “Depois, diga aos outros que pagou, viu, meu filho?” (T&F, XXII, em Soares, s.f.). No final da primeira sessão, costumava “colocar-se entre o piano e a primeira fila, para gritar, batendo palmas: ‘Pronto, acabou a sessão. Para fora todo mundo, tem gente para entrar e o cinema é pequeno’” (T&F, XXII, em Soares, s.f.).

O texto vem acompanhado de duas fotos, uma da fachada do cinema e outra do proprietário ao lado de Roger Rosenvald, gerente da Fox Film do Brasil, que assina contrato para lançamentos em 1928. A coluna não esclarece, mas a foto registra um momento da passagem de Rosenvald pela cidade, por ocasião da reabertura do Cinema Moderno, naquele momento a principal sala lançadora da cidade, tendo como atração a estreia do filme da Fox *Sangue por glória* (*What price glory*, Raoul Walsh, 1926).⁴ Poucos dias depois, o filme é exibido no Glória, que detém a exclusividade para o bairro de São José, um diferencial que deve ter sido resultado direto do contrato firmado pessoalmente entre

⁴ “A reabertura do Moderno com a sensacional película *Sangue por glória*”, *Jornal Pequeno*, 10 de abril de 1928, p. 4.

Rosenvald e Ferreira.⁵ A foto exemplifica o sistemático trabalho realizado pelos agentes das companhias distribuidoras norte-americanas no Brasil. No caso de Rosenvald, a consulta aos jornais de 1928 aponta viagens constantes para praças importantes do país, como São Paulo e Bahia. Naquele momento, Recife ocupava uma posição estratégica no mercado. Os filmes chegavam pelo porto da cidade, um dos principais do país, e em seguida eram distribuídos para boa parte da região Nordeste.

Na coluna dedicada integralmente ao italiano Miguel Russo, que havia sido proprietário do Cinema Central, sala no bairro de Afogados, é curioso como Jota Soares aproxima o exibidor de estrelas italianas, todos movidos pelo entusiasmo com o cinema. Ao abrir sua primeira sala, em 1916, Russo estaria “com o espírito enriquecido pelo germe da Sétima Arte, o mesmo abençoado micróbio que glorificou outros italianos”, como Francesca Bertini e Alberto Capozzi (T&F, 68, em Soares, s.f.). Em outros momentos, ao se referir a determinadas salas de cinema da cidade, não deixa de citar o nome do proprietário. É assim em relação ao cinema Olinda, “do Feitosa” (T&F, 52, em Soares, s.f.) e ao Espinheirense, do “saudoso” João Fonseca (T&F, 61, em Soares, s.f.). Não se observa, por parte de Jota, uma atitude que costumava ser recorrente, tanto entre historiadores quanto em realizadores, no sentido de retratar os exibidores como vilões ou inimigos (ver Bernardet, 1995). A experiência de Jota na produção cinematográfica e seu conhecimento das dificuldades históricas para exibir os filmes brasileiros no circuito exibidor não impedem que ele, colocando-se muito mais como fã e frequentador das salas locais, valorize os exibidores com quem travou conhecimento, transformando em matéria narrativa suas trajetórias e particularidades, que recebem tratamento semelhante àquele dado às estrelas cinematográficas.

Sobre os exibidores locais, é possível inclusive ter uma ideia deles como fãs. Apesar da devoção às estrelas italianas, Miguel Russo tinha predileção por

⁵ “Cinema Gloria” [Anúncio], *Jornal Pequeno*, 21 de abril de 1928, p. 6.

Gloria Swanson, cujos filmes programava no Cinema Central. Em uma nota sobre a atriz dinamarquesa Ebba Thomsen, há uma breve referência a Joaquim Mattos, o exibidor que nos anos 1920 havia sido aliado de primeira hora dos jovens realizadores, promovendo até 1927 o lançamento de diversas produções pernambucanas no Cinema Royal, que então gerenciava. Para o “velho Joaquim Mattos” e também para o jornalista Eugênio Coimbra, Thomsen “ainda está sem substituta no cinema, tal a sua grande beleza e extrema personalidade como atriz” (T&F, V, em Soares, s.f.). Como acontece também em relação ao próprio Jota, a preferência de Mattos e Coimbra revela, em plena década de 1960, a permanência do fascínio exercido por filmes e artistas do período silencioso entre os fãs das gerações mais velhas.

Relíquias de colecionador

Assim como relata particularidades dos exibidores, presentes na memória de alguns espectadores mas pouco registradas em documentos e na imprensa, Jota Soares também fornece aos leitores dos anos 1960 e das décadas seguintes, como nós, uma série de recordações e detalhes das salas de cinema na cidade do Recife, especialmente do período silencioso. Ele relembra as campainhas que tocavam nos cinemas, para avisar o início próximo de uma sessão e também para atrair à sala aqueles que passavam pela frente do cinema. A sinetinha “era uma sedução e ninguém a esquece” (T&F, XV, em Soares, s.f.). Dentro do seu estilo que combina saudosismo e idealização, não sem um generoso toque de sentimentalismo, Jota demonstra toda sua emoção ao receber do amigo Pácifer Sampaio um grande presente, as campainhas do Cine Pathé: “eram elas que atraíam os habitués no antigo cinema da Rua Nova, desde os idos de 1912. E como produziam um impacto espiritual, penetrando a alma da gente, mormente se não tínhamos, muitas vezes, o dinheiro para ver o filme! Abracei o presente do Pácifer e... e até chorei” (T&F, 49, em Soares, s.f.).

Orgulhoso de suas relíquias, o colecionador Jota Soares não esconde a satisfação em reproduzir, em uma das primeiras colunas de “Telas & Fatos”, a figurinha de número 94 da coleção lançada em 1920 pela marca de cigarros Paratodos, da Cia. Cigarros Veado, do Rio de Janeiro. Exibindo uma foto de Eddie Polo, a figurinha foi uma das mais aguardadas. A empresa deve ter tirado proveito da imensa popularidade alcançada no Brasil pelo astro dos seriados para retardar o lançamento de sua figurinha, criando o suspense: as “apostas choviam: com que roupa virá? – virá de boné ou de caubói? Era um delírio”, recorda Jota (T&F, VIII, em Soares, s.f.). Ele não só completa toda a coleção como prefere mantê-la a trocar pelos prêmios oferecidos, entre eles máquinas fotográficas e projetores Pathé Baby. Os prêmios não atraíam o jovem que, já naquele momento, assumia sua condição de fã e colecionador.

Outro item reproduzido na coluna é o cartaz afixado no cinema Espinheirense, quando da exibição de *A volta do vaqueiro* (*Catch My Smoke*, William Beaudine, 1922), no qual se vê o astro Tom Mix entrando no vagão de um trem em movimento, montado no cavalo Tony (T&F, 61, em Soares, s.f.). Esses materiais das salas de cinema, que tanto fascínio exerciam sobre os frequentadores, são recordados por Jota em outros textos da coluna, mesmo que não tenha os materiais em seu acervo para poder reproduzi-los. Ao comentar a estreia no Recife da aguardada produção *The Big Parade* (King Vidor, 1925), ele começa mencionando o grande cartaz colocado na fachada do cinema Helvética, anunciando o lançamento do filme, no dia 1 de março de 1928, “uma quinta-feira marcante para a vida das grandes exposições do Recife” (T&F, XXIX, em Soares, s.f.). Descreve a decoração da sala, com bandeirolas e correntes de papel-de-seda, e conclui com uma nota evocativa: “Continua perene o aroma das folhas de canela” (T&F, XXIX, em Soares, s.f.).

Um estilo semelhante de decoração festiva da sala de cinema era dispensado nos anos 1920 aos filmes locais, nas exposições organizadas por Joaquim Mattos no Cinema Royal. Segundo o próprio Jota, em um texto da coluna

“Relembrando o cinema pernambucano”, Mattos “mandava iluminar as proximidades da sua velha casa de espetáculos, embandeirava tudo, não faltando o aroma agradável das folhas de canela espalhadas pelo chão” (Cunha Filho, 2006: 57).⁶ É interessante observar como, já na terceira década do século XX, esses modernos estabelecimentos de diversão que eram as salas de cinema davam continuidade às tradições dos sobrados patriarcais do século anterior, quando nos dias de festa as casas senhoriais eram revestidas de tecidos, ramos de árvores, bandeiras e lanternas de papel, deixando-se também “atapetar por cheirosas folhas de canela”, como registra Gilberto Freyre no seu livro *Sobrados e mucambos* (1990: 227).

Nos textos de “Telas & Fatos”, as referências a práticas de exibição também contemplam aspectos sonoros e musicais da projeção dos filmes silenciosos no Recife, assim como a repercussão das primeiras exibições de produções sonoras na cidade.

Recordações sonoras

Quando da exibição de *The Big Parade* no Recife, em 1928, Jota comenta que “embora não contasse com a riqueza do som, arrastava a plateia a grandes emoções, tal o poder da orquestração entregue a um grupo de professores” (T&F, XXIX, em Soares, s.f.). Em contrapartida às orquestras das salas lançadoras, como o Helvetica, o que se ouvia nos cinemas menores eram acompanhamentos musicais mais precários. Sem nostalgia nem elogios, Jota Soares comenta que “muitas velhinhas, antigas professoras, tocavam suas valsinhas inocentes nos desafinados pianos dos cinemas pobres deste mundo de Deus” (T&F, XXVII, em Soares, s.f.). No entanto, nesta mesma nota pinta

⁶ Em 1974, a pesquisadora Lucilla Ribeiro Bernardet, um das principais estudosas do cinema silencioso pernambucano, organizou no Teatro do Parque em Recife uma sessão de filmes locais “nos mesmos modelos das que eram realizadas, na década de 20, no cinema Royal, da Rua Nova”, para a qual o cinema foi “todo enfeitado com folhas de canela” (*Diário de Pernambuco*, 14 de julho de 1974, Caderno IV, 6).

em tons dramáticos como a chegada do cinema sonoro, “inimigo terrífico dos músicos”, foi um golpe que fez algumas vítimas no Recife, como Nelson Ferreira, Francisco Marques e João Andrade, maestros nas salas de cinema que depois encontraram trabalho nas orquestras de televisão.

“Telas & Fatos” traz também informações valiosas sobre a sonorização de filmes silenciosos em Recife, prática de exibição sobre a qual há poucos registros. A propósito da exibição no cinema Espinheirense do filme *A volta do vaqueiro*, estrelado por Tom Mix, Jota comenta o acompanhamento musical e sonoro: “Lá dentro o Isnar Mariano largava a ‘Gigolete’ no teclado, enquanto a turma do sincronismo, por trás da tela, mandava brasa nos instrumentos de simulação, destacando-se o atrito das folhas de lixa para imitar o trem a toda velocidade. A gritaria era um inferno, enquanto Tom Mix ia além da imaginação na distribuição de socos, pontapés, o diabo a quatro” (T&F, 61, em Soares, s.f.). Em outro texto, esclarece que desde 1920 os cinemas Espinheirense e Olinda

[...] mantinham, por trás das telas, duas ou mais pessoas encarregadas de sincronizar as cenas, de preferência dos filmes seriados. Com aparelhos rústicos a base de roletas, folhas de lixa para o “xique-xique” das locomotivas, discos com pregos e palhetas, para simulação de metralhadoras e motores de lanchas, folhas de flandres para a imitação de trovões e chuvas, não faltando buzinas de automóveis, revólveres, ralos, bacias com caroços de chumbo [...] (T&F, 52, em Soares, s.f.).

Jota se refere também à exibição de *O barqueiro do Volga* (*The Volga Boatman*, Cecil B. DeMille, 1926), filme que “foi enriquecido pelo trabalho inteligente do sargento do exército João Lobo, que, com uma vitrola colocada ao pé da tela, sincronizou a película, destacadamente lançando com segura sonoplastia, a ‘Canção dos barqueiros do Volga’, dando às cenas um realismo que inquietou as plateias em relação à vinda do Cinema Sonoro” (T&F, 52, em

Soares, s.f.). Para Jota Soares, João Lobo “preparou, ou melhor, lapidou o público para aguardar o consórcio ‘som-imagem” (T&F, 52, em Soares, s.f.).

Depois da estreia de *O barqueiro do Volga* no cinema Moderno, em 5 de março de 1929, o público recifense ainda precisaria esperar um ano para conhecer o cinema sonoro. A novidade chega em duas partes: primeiro, a exibição de um filme sonoro, *A divina dama* (*The Divine Lady*, Frank Lloyd, 1929), lançado em 24 de março de 1930; e na semana seguinte, no dia 31, a estreia do cinema falado com *Broadway melody* (*The Broadway Melody*, Harry Beaumont, 1929). Ambos são exibidos no Teatro do Parque, que em julho de 1929 havia sido reinaugurado como cinema, depois de ampla reforma que o transformou na principal sala lançadora do Recife, sob o comando do Grupo Severiano Ribeiro.

Em “Telas & Fatos”, Jota Soares dá detalhes sobre a estreia de *Broadway melody*, comentando a reação do público e a movimentação na cidade. Com seu estilo hiperbólico e entusiasmado, escreve que “a Metro Goldwin embandeirou o Cine Parque, para oferecer o pedestal de uma nova era representada pela grandeza do consórcio firmado entre o Som e a Imagem. “[...] a cidade enlouqueceu, vivendo numa expectativa jamais descrita” (T&F, IV, em Soares, s.f.). Segundo Jota, a agitação do público começou já na projeção do curta-metragem que antecedeu *Broadway melody*, com Harry Richman cantando a música “Walkin’ my baby back home”. Ele faz uma viva descrição da cena: “Ainda os empurrões à janelinha da bilheteria eram uma verdadeira guerra e já se ouvia, no corredor do cinema, a voz saltitante e sedutora de Richman. Houve quem entrasse sem bilhete, correndo, derrubando tudo, para alcançar mais depressa o salão de projeção” (T&F, IV, em Soares, s.f.). É possível que ele esteja se confundindo quanto ao complemento, porque não foram encontradas informações nem sobre esse curta com Harry Richman nem sobre sua exibição no Recife. De qualquer maneira, a descrição vale pela narrativa construída, que confere fervor cinematográfico ao público do Recife.

A julgar pelo relato de Jota Soares, a noite de estreia de *Broadway melody* também movimentou o comércio e constituiu um acontecimento social no qual os frequentadores mais endinheirados puderam ostentar suas riquezas: “as casas de modas Madame Fernandes, Madame Annita e Madame Garcia fizeram vestidos destinados ao grande dia”, quando “foi intensa a corrida de carros Essex, Hudson, Overland, Ford, Chandler e Studebaker para a Rua do Hospício”, onde se localizava o Parque (T&F, IV, em Soares, s.f.). Ao lembrar a estreia do filme sonoro no Recife, Jota expõe mais uma vez seu fascínio pelas reações e desdobramentos provocados na vida da cidade pelo cinema, tanto como fenômeno cultural e artístico quanto como signo de sofisticação e modernidade.

As salas de cinema bem como a cultura e os hábitos criados em torno dela colocam a cidade em sintonia com a atualidade e franqueiam o acesso ao vasto imaginário cinematográfico.

Recife e Hollywood

O encanto pelos automóveis e figurinos elegantes rememorados por Jota Soares em “Telas & Fatos” ao comentar a estreia de *Broadway melody* já estava presente nos filmes de ficção produzidos no Recife durante o período silencioso. Não só as roupas mas o próprio estabelecimento de Madame Annita aparece com destaque no filme *Aitaré da Praia*, primeiro em um plano em que dois personagens entram na loja, depois de contemplar a vitrine; depois, quando a mocinha (Almery Steves) recebe a entrega de um vestido comprado na loja, podendo-se ler com clareza o nome do estabelecimento na grande etiqueta da caixa de embalagem. Em *A filha do advogado*, a intriga urbana e mundana permite mostrar carros, roupas e festas da sociedade. Neste filme em que Jota Soares compõe um sistemático inventário dos signos e das práticas sociais que para ele configuravam a modernidade do Recife naquele momento, a sala de cinema aparece em uma breve mas significativa cena. Em meio à

movimentação de carros, bondes e pessoas no centro da cidade, o jovem jornalista, galã do filme (Euclides Jardim), encontra um amigo que o parabeniza: “os teus artigos têm causado uma verdadeira revolução no mundo intelectual!”. Depois de se despedirem, ele sobe em um bonde em movimento enquanto o amigo aproxima-se da fachada de um cinema e observa os cartazes, em meio a outros frequentadores na calçada. O cinema na tela não se trata de qualquer sala e sim o Royal, onde o gerente Joaquim Mattos, citado em “Telas & Fatos”, lançou diversas produções locais. A sala de cinema, tema recorrente na coluna, surge no filme de 1926 como elemento indispensável para representar o Recife como um centro urbano moderno e culturalmente vibrante, por onde circulam tanto os artigos de sucesso do jornalista quanto os filmes estrangeiros e, por que não, também a produção cinematográfica local.

Em “Telas & Fatos”, a empolgação pela cultura cinematográfica vem acompanhada por uma acentuada nostalgia, que chega até a uma certa morbidez. Muitas notas tratam do envelhecimento e da morte de artistas, tanto internacionais quanto da cena local do período silencioso. A isso vêm se juntar as constantes referências à decadência de Hollywood, que Jota credits sobretudo à concorrência com a televisão, responsável por afastar o público e provocar o fechamento das salas. A propósito dos mais variados assuntos, não perde a oportunidade de reforçar a ideia de que Hollywood, a capital do cinema, “vive o mais amargo crepúsculo” (T&F, XVII, em Soares, s.f.). Também se refere a Hollywood como uma cidade curiosa, “antes do seu desmoronamento” (T&F, XVIII, em Soares, s.f.). A elogiosa nota sobre o magnata Carl Laemmle, da Universal Pictures, tem desfecho recriminatório: “os ‘gigantes’ de hoje deixaram Hollywood cair” (T&F, XXIV, em Soares, s.f.).

Não é de se estranhar, portanto, a relevância dada pela coluna ao cinema silencioso, que encarna ao mesmo tempo um momento de grande vitalidade para o cinema, em especial para o cinema hollywoodiano, e o período de

juventude do próprio Jota Soares, sua formação como fã, o encantamento com filmes, estrelas e gêneros, além das experiências na realização cinematográfica.

Uma combinação de nostalgia com uma empolgação ainda juvenil dá o tom nas várias referências que Jota Soares faz aos filmes de aventura e aos seriados norte-americanos, tanto em “Telas & Fatos” quanto em “Relembrando o cinema pernambucano”. Os gêneros e também toda a cultura que se criou em torno de sua recepção nas salas de cinema continuam a mobilizar o interesse de Jota, seja ao contar as histórias dos exibidores locais e o tratamento dado ao público de crianças e jovens aficionados por histórias de aventuras, seja ao colecionar relíquias como a figurinha de Eddie Polo e o cartaz do filme de Tom Mix. Em uma nota sobre Tom Mix, que ocupa mais da metade da coluna, comenta as façanhas deste “símbolo da idolatria universal”, como estampa o título (T&F, XX, em Soares, s.f.). E é com evidente satisfação que reproduz a história lembrada por Nelson Ferreira na contracapa do seu disco “Evocações”. Pianista e maestro que trabalhou por muitos anos fazendo o acompanhamento de filmes silenciosos, Ferreira conta que “lá pelos idos de 1921” o cinema Moderno exibia um filme sobre a vida, paixão e morte de Jesus Cristo, “e, quando os soldados de Herodes chicoteavam o indefeso Jesus, um garoto de dez anos, enfurecido, revoltado, gritou lá da plateia: ‘Há! Se Tom Mix aparecesse agora!...” (T&F, XX, em Soares, s.f.).

A fascinação pelos filmes de aventura é tamanha que já se encontra no próprio texto de apresentação de “Telas & Fatos”, quando Jota estabelece analogia com os elementos característicos do gênero:

Deste modo, no próximo domingo, partirá dos meus arquivos uma “diligência” repleta de fabulosos tesouros endereçados aos leitores desta página. E espero que o “xerife” tenha feito bom policiamento pelas estradas, a fim de que os pistoleiros do Arizona não interrompam o seu itinerário. Depois, todos nós iremos ao Búfalo-Saloon para festejar a chegada dos tesouros às mãos dos nossos

leitores, embora ao som desafinado dos velhos pianos tão castigados pelas intermináveis balas dos caubóis (Soares, 1964a).

Incorporados a experiências locais, os filmes de aventura as reconfiguram, ao mesmo tempo em que são reconfigurados por elas. É o que se observa também nos filmes realizados nos anos 1920 que, sob marcante influência hollywoodiana, articulam os tipos e convenções do gênero aventura com a cultura e a paisagem natural e humana da região. Bandidos e mocinhos, tesouro escondido, perseguição, brigas e salvamento de último minuto estão presentes em *Retribuição* (Gentil Roiz, 1925), provavelmente o primeiro filme de enredo produzido em Recife, pelo grupo da Aurora-Film, ao qual logo Jota Soares veio se juntar. Já no segundo longa da produtora, *Jurando vingar* (Ary Severo, 1925), são acentuadas características locais, como as paisagens do campo, cobertas por plantações de cana-de-açúcar, onde o enredo é ambientado. Ainda assim, a filiação ao gênero aventura ou de maneira mais ampla ao “melodrama de sensação” (Singer, 2001) permanece forte, como acontece também em enredos urbanos, a exemplo de *A filha do advogado*, ou nos quais se busca destacar aspectos típicos da região, como a praia e a colônia de pescadores onde transcorre boa parte da intriga de *Aitaré da Praia*.

A aproximação entre Recife e Hollywood, que se verifica nas esferas da exibição, recepção e realização, também se concretiza em outro aspecto, ao qual serão dedicadas algumas referências em “Telas & Fatos”: a passagem pela cidade de artistas famosos. Jota ressalta que durante a Segunda Guerra, o Recife anotou “a visita de astros de Hollywood, uns em missões militares, outros em férias, outros, ainda, em tratamento de saúde” (T&F, XXVI, em Soares, s.f.). Relaciona diversos nomes: Fredric March, Henry Fonda, Kay Francis, Annabella, Tyrone Power, Tito Guízar, Lew Ayres, Margareth Churchill, Lily Pons, Ilona Massey, George O’Brien, John Boles e Errol Flynn. Sobre a passagem dos três últimos, conta histórias sobre o assédio dos fãs, presenciado por ele.

O próprio Jota levou George O'Brien, acompanhado por Margareth Churchill, à calçada do cinema Glória, onde foi "facilmente identificado" e "terminou envolvido por um mundo de curiosos" (T&F, XI, em Soares, s.f.). A visita de John Boles provocou maior alvoroço. Chegando em um hidroavião, foi recebido por "compacta multidão" formada sobretudo por mulheres: "aos gritinhos, as filhas de Eva agarraram o artista, arrastaram-no para todos os lados, dominando a própria polícia. Conseguiram extirpar o paletó e a camisa de John Boles, dividindo-os em mil pedaços que serviriam de souvenir para as fãs" (T&F, XXI, em Soares, s.f.).

Na visita de Errol Flynn, Jota chegou perto do ator quando conseguiu entrar no mesmo elevador que o levou ao quarto do hotel onde ficou hospedado. "Eu estava feliz mesmo, pois adoro o cinema", relembra na nota que tem o sugestivo título "Errol Flynn entre brotinhos e pitombas do Recife" (T&F, XXVI, em Soares, s.f.). Também com Flynn o assédio das fãs foi intenso: elas jogaram o empresário do ator no chão, romperam as barreiras e "beijaram o astro, enquanto este saboreava uma soberba pitomba" (T&F, XXVI, em Soares, s.f.), uma fruta muito comum no Nordeste brasileiro. Jota conclui a nota com bom humor, comentando que "as pitombas jamais pensaram em tão valiosa sequência da vida" (T&F, XXVI, em Soares, s.f.).

Entre as inúmeras estrelas internacionais que surgem nas colunas de "Telas & Fatos" e as referências a intérpretes que trabalharam na produção local, não há menção a artistas brasileiros de outros estados. Salvo engano, a única exceção é o ator de teatro e cinema Procópio Ferreira, mas também neste caso o foco principal está voltado para uma estrela estrangeira, o astro do cinema silencioso Ramon Novarro, que se apresentou nos palcos do Rio de Janeiro em 1934, quando foi saudado por Procópio (T&F, 78, em Soares, s.f.). A coluna reproduz uma foto do encontro dos dois, publicada originalmente na revista carioca *Cine Magazine*.

TELAS & FATOS
JOTA SOARES E SEU ARQUIVO

78

AS ARTES TAMBÉM SE ABRAÇAM. JOVENS AINDA, PROCÓPIO FERREIRA E RAMON NOVARRO UNEM CINEMA E TEATRO, NO RIO

Em julho de 1934, no vigor do CINEMA FALADO, a mão amiga de CARMENCITA SAMANIEGO trouxe ao Rio o então fabuloso RAMON NOVARRO, dando sequência a uma turnê artística, pela América do Sul. RAMON cantava bem, o mesmo acontecendo com CARMENCITA, sua irmã mais velha. A estréia se deu no dia 28 de julho do ano citado, no Palácio Teatro, da Cia. Brasileira de Cinemas, sob o patrocínio da Metro-Goldwyn-Mayer. Anexo ao espetáculo de palco, quando RAMON cantou as músicas do seu filme "O PAGÃO", foi exibida a película "A FAMILIA", com LIONEL BARRYMORE, MARY CARLYSLE e MAE CLARK. Na A.B.I., Herbert Moses pediu a PROCÓPIO que saudasse o astro de "FOGO, CINZAS, NADA". Após o discurso, eles se abraçaram. Vejam no clichê como é rica a gesticulação de PROCÓPIO. A mão, com o cigarro, parece falar sozinha, como a dizer: "Nós estamos aqui, velho. Que é que há?" Hoje, ambos estão velhos. Juro que não esqueceram êsse abraço

MORREU CLYDE BEATTY LEMBRAM-SE DELE?

Condenado pelo câncer, morreu mais um astro dos filmes seriados do cinema mudo: CLYDE BEATTY. Era o mais famoso domador de Leões dos filmes americanos, tendo feito muitas películas nesse gênero. BEATTY, que teve o seu climax em 1924/26, talvez tenha expirado pensando que o câncer foi a única fera que não respeitou sua coragem e seu chicote

Da revista "CINE MAGAZINE", que se editava na época

Nota em "Telas & Fatos" sobre o encontro de Ramon Novarro e Procópio Ferreira no Rio de Janeiro, em 1934. Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco – Ministério da Educação, Brasil.

Considerações finais

Em "Telas & Fatos", não há uma pretensão histórica mais rigorosa. Como escreveu o próprio Jota Soares em um documento de 1964, trata-se de uma coluna "relacionada com curiosidades do cinema em todo o mundo" (Soares, 1964b). No entanto, a partir de sua perspectiva de fã, colecionador e memorialista, Jota acaba fazendo alguns deslocamentos historiográficos que merecem ser levados em conta. Um desses deslocamentos, comentado acima, é a relevância conferida à exibição e à recepção cinematográficas. Na

historiografia clássica brasileira, como analisa Jean-Claude Bernardet, “os historiadores privilegiam a produção, em detrimento da exibição e do contato com o público” (1995: 26). Jota Soares, por sua vez, em uma coluna que bem poderia ter sido dedicada exclusivamente ao cinema estrangeiro, faz questão de incluir o circuito e a cultura cinematográfica locais como tópicos de interesse, inseridos na história do cinema mundial.

“Telas & Fatos” está a todo momento estabelecendo conexões diretas entre cinema estrangeiro, sobretudo hollywoodiano, e a recepção e práticas de exibição locais. Nessas articulações, percebe-se uma particularidade interessantíssima: entre o internacional e o local não há a mediação do nacional. Os filmes e estrelas brasileiros daquele momento ou das décadas anteriores não fazem parte do campo de interesse de Jota, que tampouco se refere a autores e publicações de fora do estado de Pernambuco. Uma das exceções é a revista *Cinearte*, publicada no Rio de Janeiro entre 1926 e 1942, que ele cita um par de vezes. Algumas das outras referências mencionadas são as revistas *Photoplay*, *Screenland*, *Cinelandia*, *Screen Guide* e *Movie Stars Parade*, todas editadas nos Estados Unidos, além de livros estrangeiros, entre os quais *El libro de oro del cine*, editado em Nova York em 1926, e *Historia del cine*, do espanhol Carlos Fernandez Cuenca.

É curioso perceber como essa relação entre o internacional e o local é reforçada inclusive nos detalhes de construção do discurso. Ao lembrar a estreia de *Broadway melody* no Recife, Jota escreve que “a Metro Goldwin embandeirou o Cine Parque” (T&F, IV, em Soares, s.f.). Ao contrário da imprensa da época do lançamento, ele não menciona a agressiva atuação do Grupo Severiano Ribeiro no mercado recifense, responsável pelo lançamento dos primeiros filmes sonoros. No relato de Jota, porém, quem embandeirou o Parque foi a Metro, não Severiano Ribeiro.

Quando publica a foto de Roger Rosenvald, gerente da Fox Film do Brasil, empresa sediada no Rio de Janeiro, Jota o apresenta como o “Sr. Roger Rosenvald, da Fox” (T&F, XXII, em Soares, s.f.). É também revelador que a foto ilustre um texto no qual o tema não é a visita do representante da Fox mas o exibidor Álvaro Leite, apresentado no título como “‘Seu’ Leite, do cinema Glória, outro ídolo que marcou época” (T&F, XXII, em Soares, s.f.). Não é à toa que Jota alça o exibidor à categoria de ídolo do cinema, pois é essa a figura que, na lógica do seu relato, faz a mediação entre o cinema e a cidade, entre o internacional e o local.

É possível compreender essa construção discursiva e também historiográfica elaborada em “Telas & Fatos” como um contraponto ou talvez mesmo uma reação à categoria “regional” que compunha os termos “ciclos regionais” (Duarte, 1954 citado em Autran, 2010) e “surtos regionais” (Viany, 1959), então em processo de consolidação entre os historiadores do cinema brasileiro. “Regional” é uma classificação muito acanhada para os parâmetros superlativos adotados por Jota ao abordar o circuito e a cultura cinematográficas recifenses em “Telas & Fatos” e a produção local nos anos 1920 em “Relembrando o cinema pernambucano”. A julgar pelos seus escritos, o parâmetro mais apropriado, e com o qual se sente inteiramente à vontade, é a relação com Hollywood.

Já em 1944, quando publica a plaqueta *História da cinematografia pernambucana (Fase compreendida entre os anos de 1923 e 1931) (Cinema mudo)*, Jota e o coautor Pedro Salgado Filho concluem o texto relembrando que em 1942 o boletim cinematográfico *Antenor Teixeira Informa*, de São Paulo, havia publicado um resumo sobre a cinematografia de Pernambuco que tinha como título: “Subsídios para a história cinematográfica brasileira – Recife – Pernambuco – A Hollywood nacional” (Soares e Salgado Filho, 1944). Os autores da plaqueta ainda complementam: “É tudo quanto pode haver de grandioso no gênero. É a glorificação de uma raça. É a apoteose” (Soares e Salgado Filho, 1944).

Pode-se questionar o exagero ou mesmo a falta de originalidade, já que outras experiências, como a produção realizada em Campinas nos anos 1920, também reivindicariam o título de “a Hollywood brasileira”. Quando consideramos a conexão direta estabelecida entre o local e o internacional na coluna “Telas & Fatos”, contudo, podemos identificar aí uma abordagem que, ao contrário da tônica dominante na historiografia clássica, não adere à perspectiva centralizadora que está implicada no termo “regional”, assim como utilizado na expressão “ciclo regional”. Nesta concepção, o que não está no centro, constituído pelo eixo formado pelas capitais do Rio de Janeiro e São Paulo, é agrupado e uniformizado sob o rótulo “regional”. Como ressalta Arthur Autran, “o que o vocábulo [regional] na realidade consagra é o predomínio político, cultural e econômico das duas grandes metrópoles sobre o restante do Brasil, mas de maneira a não problematizar este predomínio” (2010: 122).

Em “Telas & Fatos”, Jota Soares não adere a essa concepção de “regional” que, a rigor, tem a significação de fora do centro, periférico. Em vez de subordinar a produção e a cultura cinematográfica do Recife ao centro do país, ele as conecta ao centro do cinema, a um mundo cinematográfico no qual entrelaça as estrelas e os fãs, os filmes e a experiência dos espectadores, as grandes companhias estrangeiras e os pequenos exibidores locais. É uma postura que pode ser considerada idealizada, distorcida até. Para melhor compreendê-la, os critérios objetivos não parecem ser os mais adequados.

Um interessante contraponto pode ser estabelecido com a análise de Laura Isabel Serna sobre o cinema silencioso em Yucatán. Situado em uma península e sem conexão por terra com a Cidade do México até meados do século XX, Yucatán acabou por se distinguir do restante do país, em termos culturais, políticos e econômicos, graças à produção de sisal, que enriqueceu a região e impulsionou o processo de modernização, estreitando laços comerciais e culturais com a Europa e os Estados Unidos. Essa situação econômica privilegiada teve desdobramentos nas atividades cinematográficas.

Serna observa que, pelo menos sob a ótica da *Revista del Cinema*, a cultura cinematográfica local durante os anos 1910 estava focada predominantemente no cinema enquanto negócio (Serna, 2017: 22).

Em “Telas & Fatos”, bem ao contrário, a cultura cinematográfica em Recife é abordada sem que haja maior interesse ou preocupação em considerar aspectos econômicos do cinema em geral e do circuito exibidor local em particular. Quanto estabelece relações diretas entre o local e o internacional, Jota Soares prefere deixar de lado o mercado cinematográfico nacional e a maneira como Recife nele estava inserido. Afastando-se de critérios mais objetivos, sua abordagem encontra uma lógica própria quando compreendida na chave do imaginário. Movido pelo espírito de fã e colecionador, Jota Soares incorpora as referências e narrativas cinematográficas à sua própria experiência e à maneira como aborda a história do cinema em “Telas & Fatos”. Senhor dos arquivos e da memória, ele constrói toda a narrativa aventuresca, sensacional e sentimental, capaz de conduzir aos leitores a “diligência de fabulosos tesouros”, como escreve na apresentação da coluna, parafraseando enredos dos filmes de faroeste (Soares, 1964a).

Neste sentido, as referências à passagem pela cidade de astros estrangeiros estão longe de ser mera curiosidade. Elas tornam real a proximidade entre Recife e Hollywood. Afinal, se Jota Soares e seus leitores podem ser personagens de faroeste, faz todo sentido que Hollywood, nas figuras de George O’Brien e Errol Flynn, circule pela calçada do cinema Glória ou saboreie uma soberba pitomba.

Bibliografia

Araújo, Luciana Corrêa de (2006). “Melodrama e vida moderna: o Recife dos anos 1920” em *Cadernos de Pós-Graduação*, volume 3. Campinas: Instituto de Arte/UNICAMP.

____ (2018). “O cinema em Pernambuco (1900-1930)” em Sheila Schvarzman y Fernão Pessoa Ramos (eds.), *Nova história do cinema brasileiro*. São Paulo: Edições Sesc.

- Autran, Arthur (2010). "A noção de 'ciclo regional' na historiografia do cinema brasileiro" em *Alceu*, volume 20. Rio de Janeiro: Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.
- Bernardet, Jean-Claude (1995). *Historiografia clássica do cinema brasileiro*. São Paulo: Annablume.
- Bernardet, Lucilla (1970). *O cinema pernambucano de 1922 a 1931: primeira abordagem*. Dissertação de mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cunha Filho, Paulo C. (2006) (editor). *Relembrando o cinema pernambucano – Dos arquivos de Jota Soares*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana.
- Freyre, Gilberto (1990). *Sobrados e mucambos*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- Póvoas, Glênio Nicola (2005). *Histórias do cinema gaúcho: propostas de indexação 1904-1954*. Tese de doutorado em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre.
- Serna, Laura Isabel (2017). "Revista del Cinema: Silent cinema in Yucatán" em *Film History*, volume 29, número 1. Bloomington: Indiana University Press.
- Singer, Ben (2001). *Melodrama and Modernity – Early Sensational Cinema and Its Contexts*. New York: Columbia University Press.
- Soares, Jota (s. f.). *Histórias da minha história* [Álbum]. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- ____ (1964a). "Telas & Fatos" em *Diário de Pernambuco*, 01 de março, Terceiro Caderno, 1.
- ____ (1964b). *Dados sobre minha vida, destinados aos arquivos da CINEMATECA BRASILEIRA, de São Paulo, por solicitação do Dr. PAULO EMILIO SALLES GOMES* [texto datilografado]. Recife.
- Soares, Jota y Salgado Filho, Pedro (1944). *História da cinematografia pernambucana (Fase compreendida entre os anos de 1923 e 1931) (Cinema mudo)*. Recife: Museu Cinema.
- Viany, Alex (1959). *Introdução ao cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

* Luciana Corrêa de Araújo é pesquisadora de cinema e professora da Graduação e da Pós-graduação em Imagem e Som, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutora em Cinema pela ECA-USP, com pós-doutorado na UNICAMP, desenvolve pesquisas na área de história do cinema brasileiro, em especial sobre cinema silencioso, a crítica de cinema e o trabalho da mulher. Entre outros trabalhos, publicou os livros *A crônica de cinema no Recife dos anos 50* (Fundarpe, 1997) e *Joaquim Pedro de Andrade: primeiros tempos* (Alameda, 2013), e colaborou com o capítulo "O cinema em Pernambuco (1900-1930)" no livro *Nova história do cinema brasileiro* (Schwarzman, Ramos, 2018). E-mail: araujo.lu@uol.com.br